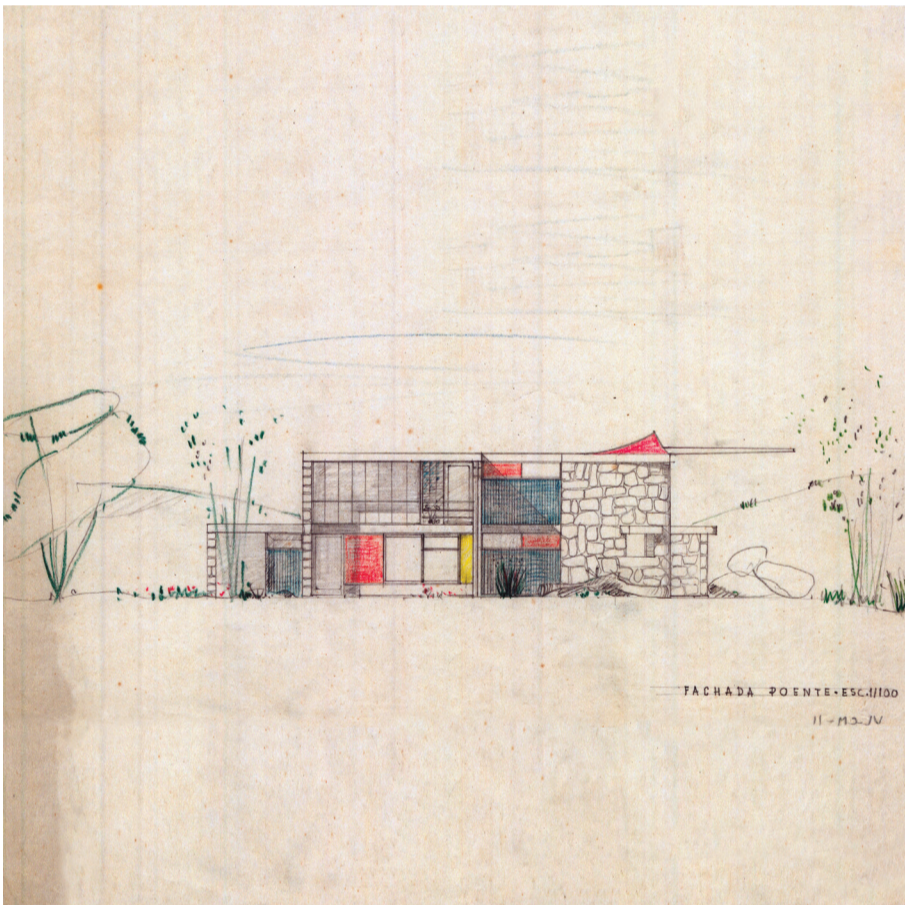




CASA DAS MARINHAS - VIANA DE LIMA



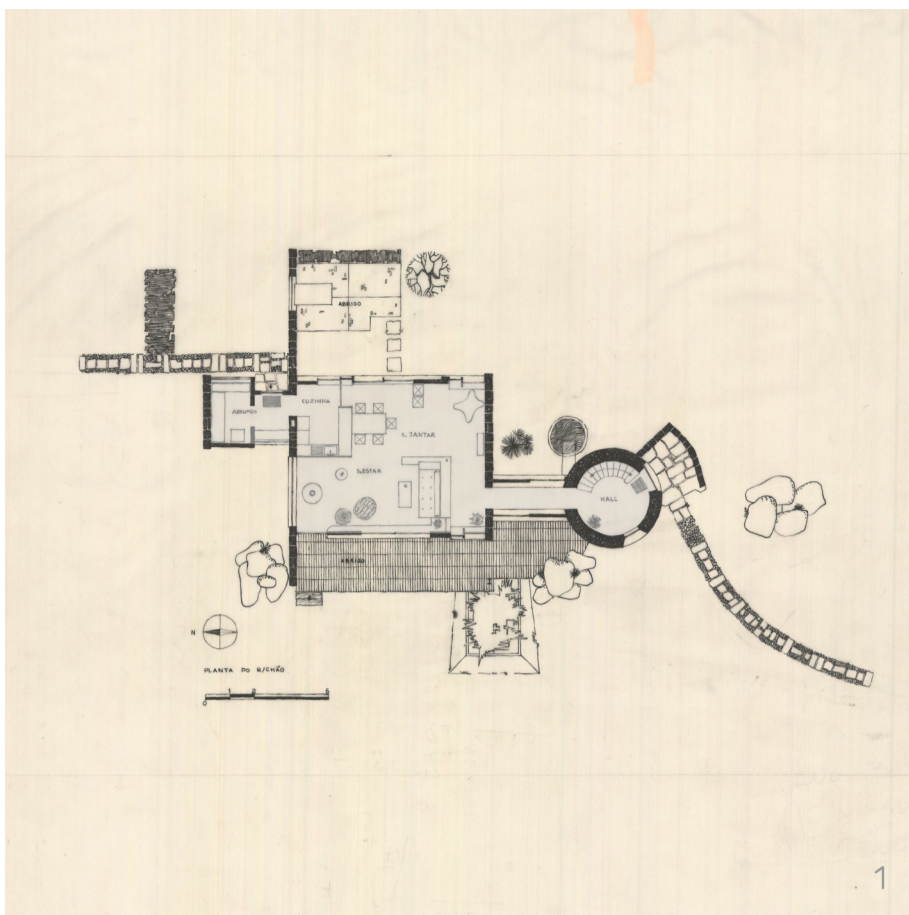
22 out. 47
Pam

ALFREDO EVANGELISTA VIANA DE LIMA nasce em Esposende em 18 de Agosto de 1913 e morre no Porto em 28 de Dezembro de 1991. Iniciou os estudos em 1929, na Escola de Belas Artes do Porto licenciando-se em 1941 com a nota final de 19 valores.

O curriculum do Arquitecto Viana de Lima é vasto. Produziu alguns dos ícones da História da Arquitectura Portuguesa e é considerado como um dos principais responsáveis pela implementação do Movimento Moderno da Arquitectura em Portugal. Coordena diversos projetos que se convertem em estruturas significativas. Viana de Lima inicia a sua atividade profissional na segunda metade da década dos anos trinta, na Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais sob a orientação do Arquitecto Rogério de Azevedo. Na década dos anos quarenta termina o curso e, em simultâneo, projeta vários edifícios de carácter habitacional, entre os quais destacamos a residência localizada na Rua Honório de Lima, no Porto, denominada de "casa Cortez". Em 1948, no I Congresso Nacional de Arquitectura (SNA), Viana de Lima foi uma figura de destaque, tendo defendido princípios expressos na "Carta de Atenas", documento elaborado no Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM), 1933, sob influência direta de Le Corbusier. Durante os anos cinquenta Viana de Lima, para além de realizar projetos de residência doméstica icónicos, liderou o grupo português que participa nos VIII CIAM Hoddesdon, Inglaterra, 1951, IX CIAM, Aix-en-Provence, França, 1953, X CIAM, Dubrovnik, Jugoslávia, 1956 e XI CIAM, Otterlo, Holanda, 1959. Projeta, a partir de 1958, o Complexo Hospitalar de Bragança e, em 1961, a Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

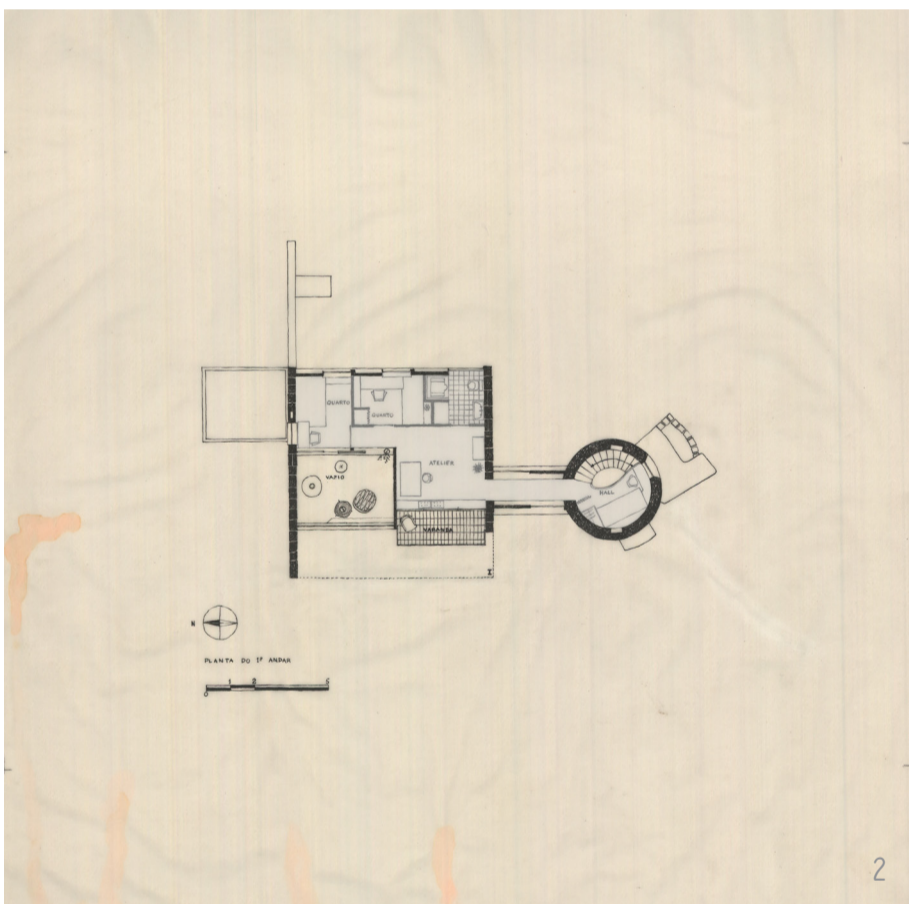
Nesse mesmo ano, obtém, na segunda Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, o Grande Prémio da Arquitectura. Inicia uma estrita colaboração com aquela instituição. É consultor em vários Municípios, tais como Bragança, Valença, Monção e Esposende onde elabora diversos planos. Na mesma década é convidado pelo Arquitecto Carlos Ramos para lecionar na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Colabora com o Arquitecto Óscar Niemeyer em dois projetos, um para a Vila do Bispo e outro para a Madeira, no Funchal. Nos anos setenta, a convite da UNESCO, dará aulas no Brasil, sobre temas de restauro, preservação e revitalização de centros históricos, na Universidade de S. Paulo e mais tarde na Universidade Federal do Recife. É consultor do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira/Barredo, no Porto. Preside à Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, em Portugal.

Nos anos oitenta realiza projectos no Brasil, Malásia, Marrocos, Moçambique e Tailândia.



A Casa das Marinhas (1954-57) corresponde àquilo que Viana de Lima designaria por "o solar dos tempos modernos". Nela está expresso o equilíbrio, sempre presente nas moradias que projeta, entre os conceitos de modernidade e naqueles que se referem às construções de caráter tradicionalista.

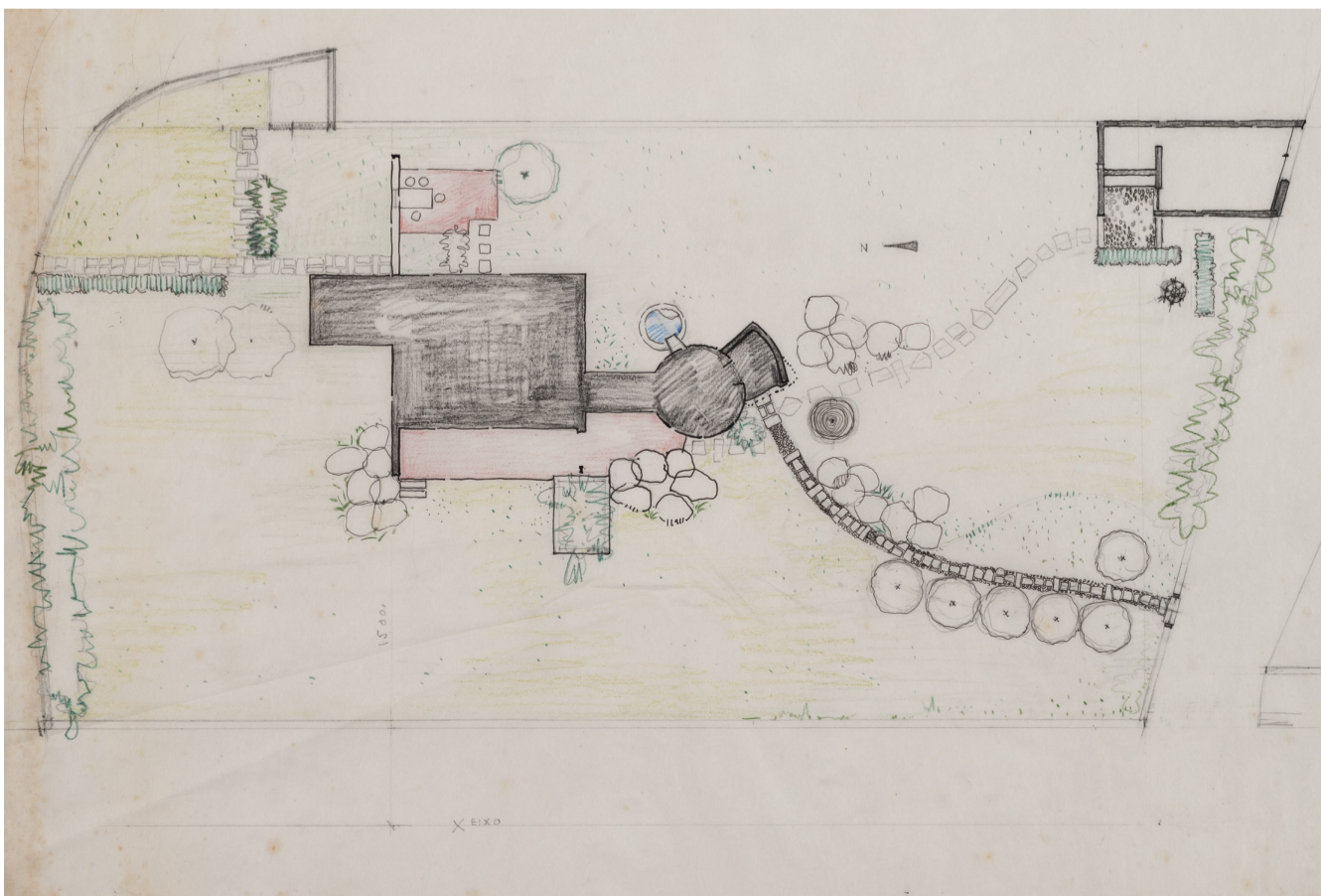
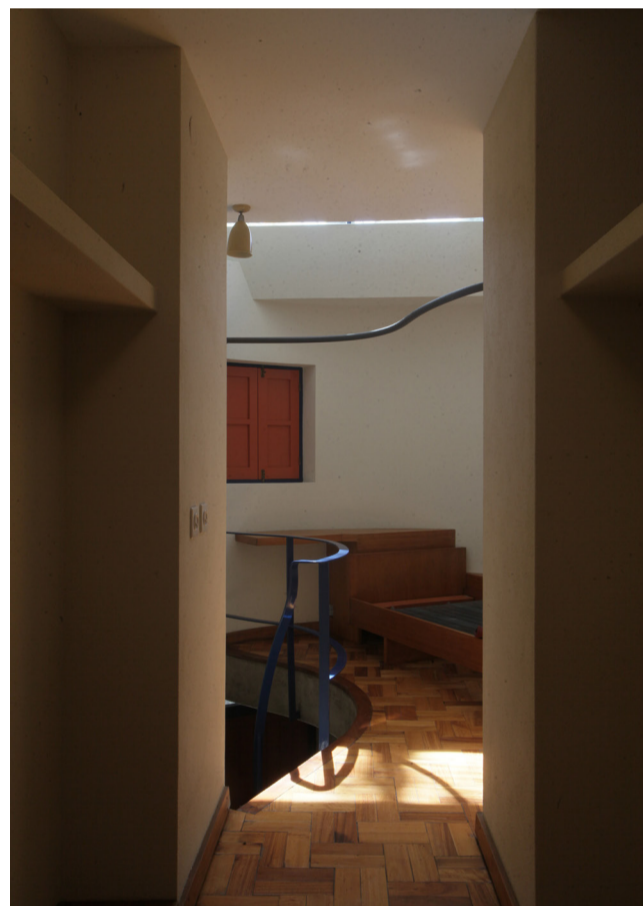
No primeiro piso o espaço é fluido. Há uma clara preocupação em fundir os diversos espaços que, subdivididos pela presença de elementos móveis, vão diferenciar os respetivos usos, em cozinha, estar e jantar. A zona de estar, de pé-direito duplo com amplo envidraçado voltado ao mar, liga-se francamente ao piso superior. Este efeito é traduzido, no exterior, pela continuação da laje da cobertura e da parede norte, em granito, que funciona, também, como proteção dos ventos. No lado oposto, prolongando esse mesmo paramento para nascente, cria-se uma zona exterior. Nesta parede se inscreve um vão que reforça a presença de uma mesa nela adoçada.



O espaço, recanto abrigado mais diretamente ligado à natureza e contrastando com a exposição a poente, funciona como local privilegiado para estadias e refeições ao ar livre.

Um corpo cilíndrico, elemento dinâmico resultante da reconversão da ruína de um antigo moinho, funciona como entrada e acesso ao piso superior.

Ao nível do segundo piso os espaços, exíguos, albergam os quartos e uma zona de trabalho que se estende por uma varanda. O patamar de chegada da escada serve, para nele se instalar uma cama. O quarto de casal usufrui de um vão que lhe permite a ligação com o espaço de pé-direito-duplo. A abertura dos vãos faz-se em clara relação entre os usos da habitação, as suas ligações com exterior e os pontos cardiais. A norte praticamente não existem aberturas. A nascente as suas dimensões são controladas de acordo com as funções a desempenhar pela zona de refeições. A poente o vão, maior, é protegido pela continuação da cobertura.



O jardim da casa Viana de Lima em Marinhas, Esposende, reflete de modo explícito o programa modernista emanado pela casa e toda uma espacialidade que puxa a sua perceção e vivência para a ligação do corpo ao exterior, à paisagem e à fruição do ar livre.

Discreto no risco (mesmo algo indefinido), usa afirmativamente a vista que passa por cima dos muros, propositadamente baixos, e se alonga para poente, através dos campos, guiando o olhar até aos pinhais, à praia e ao mar. Para nascente, por cima de muros de pedra mais altos, veem-se os montes que sobressaem escuros no céu. É o velho programa da casa no jardim que parece paisagem, repetidamente interpretado desde o paisagismo setecentista inglês, agora democratizado no mais contido espaço moderno português.

O lote pequeno, provavelmente destacado do topo poente de um campo retangular, estende-se como um retângulo ao baixo, ao longo da estrada nacional.

A casa posiciona-se num subtil pequeno alto, seguindo a posição do moinho depurado; o conjunto edificado abre-se para a paisagem que entra no jardim e faz deste sua possível continuação. O espaço próximo é pontuado por afloramentos rochosos que lideram o caráter naturalista do exterior moderno. Do lado norte, um portão abre um percurso numa calçada de seixo e pequenas lajes (com um toque nipónico) que se desenvolve em curva larga adoçada ao suave relevo até à entrada principal. Um pedaço de pedra para recolher as águas pluviais, por detrás do moinho, a nascente, consoma a intensão projetual de um pequeno elemento de água, algo ameboide, muito ao gosto desse tempo.

(...)

Da casa, pelas amplas portas envidraçadas que deslizam, junta-se concordantemente o interior e o exterior, cumprindo um ponto alto do ideário modernista; a nascente fazem-se refeições cá fora num local protegido do norte por uma parede pontualmente fenestrada; para um lado e para outro, o olhar e o corpo passam com facilidade, se calhar descalços, de dentro para fora, da sala para o prado, para o sol, para o ar livre, para a paisagem.